

OS GRANDES AMORES DE PORTUGAL



ROCHA MARTINS

# A NETA DA RAINHA SANTA

COLEÇÃO HISTÓRIA

II SÉRIE



L. 23166

11. 107094

ROCHA MARTINS  
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

LEO.



~~L. 23166~~

OS GRANDES AMORES  
— DE PORTUGAL —

A NETA  
DA RAINHA SANTA

CAPA ILUSTRADA POR  
ALBERTO DE SOUSA

VOL. II—2.ª SÉRIE

COLEÇÃO «HISTÓRIA»  
— RUA DO ALECRIM, 61 —  
LISBOA  
EDIÇÃO DO AUTOR

# Os Grandes Amores — de Portugal —

## TÍTULOS DOS CAPITULOS:

- I — O Sangue de Inês de Castro.
- II — A Neta da Rainha Santa.
- III — A Madrasta de D. João III.
- IV — As Paixões do Venturoso.
- V — O Drama de Santa Engracia.
- VI — D. Guiomar de Marialva.
- VII — A Freirã de D. Afonso VI.
- VIII — D. Maria de Penha.
- IX — O Desterrado.
- X — As Cómicas de El-Rei.
- XI — A Távora.
- XII — A Amada do Regente.

# Heróis, Santos e Mártires — da Pátria —

## TITULOS DOS CAPITULOS:

- I — Santo Antóniô de Lisboa.
- II — D. Francisco de Almeida.
- III — Os Jesuitas martirizados.
- IV — 1640.
- V — Cadafalsó do Duque de Caminha.
- VI — O Suplício de D. Duarte de Bragança.
- VII — Matias de Albuquerque.
- VIII — O Conde de Vila Flôr.
- IX — D. Manuel de Portugal.
- X — Os Fuzilados de Campo de Ourique.
- XI — O Marechal Saldanha.
- XII — Duque da Terceira.

Comp. e impr. na —

Rua do Alecrim, 61

— LISBOA —





## PRIMEIRO QUADRO

# SÚPLICAS DUMA RAINHA

**N**ÃO foi de boa sombra que D. Afonso IV, rei de Portugal, recebeu a súplica da filha, a infanta D. Maria, rainha de Castela, como espôsa de Afonso XI, seu primo e ambos netos da Rainha Santa Isabel.

Diante do rôsto, severo e rude, do pai, a soberana, que o receava, tremia, balbuciante; êle, hirto, grave, rude, implacável, ouvia-a silenciado.

Havia seis anos que um cortejo luzido a levava para Castela, em companhia do aio D. Martim Afonso Telo, damas, cavaleiros e pagens. Ia consorciar-se com o monarca do reino vizinho. Ela contava catôrze anos; era formosa e amara-o por sua esbelteza, bravura e, talvez, porque o marido não se apaixonara a ponto de a preferir a todas as mulheres.

Em vez de lhe votar uma paixão ardente, dedicara-se a outros amôres; prendera-se

## À NETA DA RAINHA SANTA

nos encantos, que eram muitos, da lindíssima D. Leonor Nunes de Gusman, e, ao cabo dum ano de ligação, nasceram dois gémeos dessa ternura. A rainha parecia estéril. A amante do soberano, se não era de sangue real, tinha nobreza suficiente para assegurar o bom nascimento, a linha heráldica dos filhos, pois, pelo lado paterno, provinha do rico-homem D. Pedro Nunes de Gusman, e, pelo materno, dos Ponce Leão, senhores de Cangas, um dos quais, D. Fernão, se casara com D. Urraca de Meneses.

Apaixonadamente, D. Afonso XI adorou a deslumbrante beleza de D. Leonor. Outros filhos, D. João e D. Pedro, nasceram do seu ardente conúbio, os quais el-rei acolhia e amerceava.

Não ficaria por aí a descendência destes amôres, dos quais viriam ainda ao mundo D. Telo, D. Sancho e D. Henrique, pois era prolifera a dona e não se coíbia el-rei em suas relações confessadas, quasi impostas, à côrte, ao mundo.

Enquanto a favorita reinava, vivia maltratada a espôsa do adúltero, a qual, sabendo dos bastardos do monarca, se torturava em horri-veis pesadelos, vendo-se um dia repudiada de vez para se dar o trôno à amante estreme-cida pelo entontecido rei.

Sofrendo, e quasi implorando beijos mari-tais, D. Maria teve um filho, o infante D. Fernando, o que alarmou a mãe dos ilegítimos. D. Leonor de Gusman devia sonhar com o poder para os seus filhos, a um dos quais, o primo-génito D. Fradique, se destinava o mestrado de S. Tiago, embora fôsse ainda tamanino.

O nascimento do infante produzira terríveis

desesperos na alma ambiciosa da régia concubina e quando a criança entrou a adoecer, ao cabo de dois anos, todas as esperanças da formosa refloriram, e o júbilo reentrou-lhe na alma ao finar-se o herdeiro da corôa.

Logo no ano seguinte novo desvairamento a encherá e agitara. A soberana dera à luz uma criança que se chamaria D. Pedro e que, bisneto da dôce, da santa rainha D. Isabel de Portugal, herdaria as qualidades rudes e implacáveis do sanguinário e vingativo avô D. Afonso IV.

Neste tempo já êste mandara supliciar seu irmão João Afonso, contra o qual a sua alma se exacerbara ao sentir que o pai o amava de mais. Receara pela sucessão; levantara-se em armas contra o autor dos seus dias; quizerá afirmar mais os seus direitos, rugindo, como se, em vez de ter nascido do ventre abençoado duma Santa e dos amôres dum real poeta, fôsse o produto duma carnalidade de feras. Acima de tudo colocava o seu poder; era ajuizado e implacável; respeitava a família; amando a mulher, não lhe dera rivais, sentindo um fundo ódio pelos irmãos, que via como émulos na sua bastardia de ambiciosos.

Não matara João Afonso por sua mão; instaurara-lhe um processo labeando-o de traidor e provocara a sua execução; e, no mesmo período, foi confiscando os bens a outro filho dos culposos amôres de D. Dinís, o preferido, o mais amado pelo rei, e que se chamava D. Afonso Sanches.

Com semelhante rudeza, erguera bem alto a sua bandeira soberana; seu espírito perturbára-se ao saber que o genro procedera exactamente como se quisesse turbar a paz in-



terna do reino, gerando bastardos que, no futuro, obrigariam os príncipes legítimos a derramarem o sangue fraterno, como êle se vira obrigado a praticar.

Odiava, do fundo do seu coração, bravo e rijo, aquêlê filho de sua irmã, perdido de amôres por uma linda mulher e a perder também, por tal paixão, a segurança da dinastia. A rainha, D. Maria, que ali se achegava, agora, implorante, era sua filha. Amava-a a seu modo.

Se fôsse feia, se não garantisse a sucessão do trôno, por sua esterilidade, D. Afonso IV talvez perdoasse ao sobrinho e genro aquelas infidelidades, mas, dêste modo, quando ela lhe dava o real penhor do seu affecto, era de castigar rudemente o traidor.

D. Afonso XI de Castela estava longe da vingança do sôgro, visto ser rei dum país alheio; se o tivesse por vassalo, o temível monarca portuguez já o teria mandado ao cadafalso ou ao gume do bulhão dum assassino.

Mas que queria aquella mulher em pranto e desolação diante dêle, que a acolhia, numa rigidez de estátua, deixando-a chorar, parecendo não a ouvir?

D. Maria implorava do pai um socôrro de armas para salvar o marido. El-rei escutava-a. De há muito aguardava, se não aquella visita, ao menos a de embaixadores do soberano, tão seu próximo parente, e cujos estados estavam ameaçados da devastação das hordas moiriscas.

Desta vez não era apenas um reisetê infiel que determinara a guerra contra o soberano cristão, mas o próprio emir de Marrocos, Abul Hassan, que a tentava, à frente dum poderossíssimo exército arraialado em Gibraltar para



a invasão. Tentaria a reconquista de Espanha; o domínio dos cristãos pesava demais às gentes de Mafamede e, tendo-se posto cerco a Tarifa, num êxito cabal, êles moviam-se com tanto arreganho e valor que fatalmente não caberia a vitória a D. Afonso XI.

Dirigira-se logo ao rei de Aragão, receoso do sôgro, procurando um aliado contra as hordas barbaras desencadeadas de tôda a Africa sôbre a península. A medida que fôsem obtendo triunfos, maiores perigos correriam os soberanos da fé. Tardiamente argumentara dêste modo quem não se defendera, mal organizara suas hostes, pois andava perdidinho de amôres, em vez de tratar de seu reino e mesnadas. Irritara os fidalgos, criando partidos na côrte e mostrava-se implorante quando devia ditar lei, visto sua categoria de grande soberano. Solicitara um socôrro?!

Levantavam-se os moiros de Granada. Os de Marrocos avançaram sôbre o comando do seu emir Abul Hassan; os do interior de Espanha surgiam às ordens de Yousef Abul Hagiag, seu rei e valoroso general.

D. Afonso IV já o sabia; escutara a filha e sentia-a perdida com o espôso; mas, mais ainda, decerto sossobraria a península desde que aquêle rei fraco, não de valor militar mas de hostes numerosas, sôfresse a primeira derrota.

A rainha D. Maria suplicara; seu irmão, D. Pedro, aguardando as decisões do terrível pai, ansiava pela ocasião de se bater. O monarca abrandou; quis que a filha lhe dissesse de seus desesperos, da fórmula porque o marido a tratava. Rugiu ao ouvir do domínio da favorita naquella alma real, expôs os seus

## A NETA DA RAINHA SANTA

pontos de vista em relação ao adultério dos príncipes e à nefasta influência dos bastardos na política dos povos. Jámais pudera olvidar os tormentos passados por causa dos desvários amorosos de seu pai, e, encarando o infante D. Pedro e a rainha de Castela, como a perscrutar-lhes os ânimos, acabara cedendo, disposto a doutrinar o genro e a defender a península dos assaltantes infiéis.

Pôde a soberana retirar-se para o seu paço de além-fronteira. O marido acolheu-na na alegria de quem recebera a salvação com as promessas do sôgro e os exércitos cristãos aliados, reunidos na fôrça de quarenta mil infantes e dezoito mil cavaleiros, lançaram-se na peleja gigantesca, na qual se jogavam os destinos da fé na península hispânica.

Se D. Afonso IV não tivesse já imposto a sua acção e a sua figura nos lances batalhadores da mocidade, aquela chefia da guerra contra os moiros fundiria, com razão e justiça, o seu cognome de *Bravo*. Foi êle quem, comandando os cavaleiros portugueses, destroçou as fileiras inimigas na batalha de Salado, fazendo a tomadia de grandes senhores moiros e das riquezas do seu acampamento. O genro, com igual denodo, vencera o rei de Granada.

Riquezas sem conta fôram os despojos da peleja memorável. O castelhano, deslumbrado e feliz, mandou repartir em quinhões iguais, destinados aos vencedores, todas as prêsas de guerra, os tesouros magníficos de oiro, prata e pedrarias. D. Afonso IV recusou a sua parte. Batalhou quatro anos e triunfara; porém, não queria os valores do adversário esmagado. Deixava-os ao sócio na emprêsa. Apenas aceitara uma cimitarra cravejada de

## A NETA DA RAINHA SANTA

pedrarias que pertencera ao emir, a trombêta de prata da guarda real granadina, e, por cativo, o príncipe Abohamo, sobrinho do rei marroquino.

Durante as festas pomposas com que se celebraram as vitórias, mostrara-se do mesmo modo rígido e, quando o genro lhe perguntou o que desejava dêle, quebrou-se-lhe a atitude e a voz, volvendo:

— «Tratai bem a minha filha, genro e amigo!»









## SEGUNDO QUADRO

### A RAINHA E A RIVAL

**A**O cabo de pouco tempo D. Afonso XI olvidara a generosa lição dada pelo sôgro. Se já não maltratava a rainha, abandonava-a, do mesmo modo, cada vez mais seduzido pela amante. Era a sua companheira no tálamo e no trôno e os oito filhos, sobreviventes dos onze nascidos de seus amôres, constituíam uma prole de príncipes capaz de sustentar a corôa daquêle que a tomasse.

Os gémeos Fradique-Henrique pareciam os mais ambiciosos; Fernando, Telo, João, Sancho e Pedro, se alguns eram ainda meninos, deixavam-se uns aos outros os cuidados de manter a estirpe para honra do braço também partilhado por sua irmã D. Joana.

E, entretanto, no seu exílio de Sevilha, a soberana repudiada via crescer o filho, o herdeiro do sólio castelhano, e sentia-o em raiças e cóleras tão bruscas contra a intrusa e

## A NETA DA RAINHA SANTA

os irmãos, que, por vezes, a fazia estremecer de pavor.

Era alto e ruivo; contava quinze anos naquela época em que o pai ia partir para o cêrco de Gibaltrar, a moira; dava boa razão de si como cavaleiro; adivinhava-se-lhe a bravura nos ímpetos com que lidava nas caçadas, e nos seus olhos, de brilhos estranhos, marcava-se, com a coragem, o orgulho, a altivez, o rancôr que não disfarçava ao ser contrariado.

Alguma coisa de misterioso e de sinistro pairava no seu sorriso, quando lhe falavam da sucessão ao trôno. Devia ambicionar a chegada rápida da hora de reinar e bem podiam tremer os inimigos ante os desejos de vingança da sua alma.

Herdera do avô português a crueldade sem o equilíbrio da justiça para empregar o mando. Quebraria os obstáculos com requintes ferozes de lobo cerval.

A mãe chorava as suas desditas, aquela existência de humilhações que turbavam o seu ânimo de filha de rei maltratada por uma cortesã. Passara a vida em prantos sem igual, arrastadinha, vendo o desdém nos olhos dos áulicos ou, quando muito, a piedade que não aceitava. Nova e bela, expulsa, como uma serva, criando aquêlê filho, cuja maldade a assombrava, cultivava-o como se açulasse um leão para a sua vingança.

D. Leonor de Gusman, triunfal e magnífica, sobrelevava tôdas as belezas e, sentindo as invejas, lisongeava-se das homenagens.

De quando em quando, chegavam as notícias de tudo quanto ela obrigava o rei a fazer. Êle dera-lhe jóias riquíssimas das tomadas no



## A NETA DA RAINHA SANTA

Salado, entregava-se-lhe como um escravo, concedendo-lhe a pretesia das vilas. Mais do que rainha, ela era dona dum rei.

No espírito de D. Maria de Portugal não havia lugar para outro sentimento além do ódio por aquela mulher. Julgava-se assim; todavia, ela albergava um amôr de que ninguém suspeitaria ao vê-la em prantos, desolada.

A espôsa de D. Afonso XI tinha uma paixão por Martim Afonso Teles de Meneses, rico-homem, grande senhor que a acompanhara para Castela como aio e mórdomo-mór.

Deixara em Portugal a mulher e os filhos. Aquela chamava-se D. Dulce e herdara o nobilíssimo sangue dos Osórios, Meneses e Vasconcelos. Os rapazes nascidos do enlace eram D. João Afonso e D. Gonçalo, as meninas D. Leonor <sup>(1)</sup> e D. Maria <sup>(2)</sup> e seriam todos êles protagonistas de grandes lances históricos.

Em prosápia não era, o amante, indigno dos ancestrs da amada, pois que descendia dos reis das Astúrias e isto devia sossegar a consciência da princesa, da que se lhe entregara, se acaso no amôr há tempo para semelhantes preconceitos.

Guardavam um grande e cauteloso segredo dessa ternura, que talvez não tivesse consequências, além de algum beijo mais demorado, em vida do monarca vencido pelos reais encantos de D. Leonor de Gusman. Chegara o momento dêle ir fazer a guerra aos moiros, em Gibraltar.

---

(1) *Flôr de Altura* — Colecção «História» — 1.<sup>a</sup> Série.

(2) *O Sangue de Inês de Castro* — Colecção «História» — 2.<sup>a</sup> Série.

## À NETA DA RAINHA SANTA

Levara consigo grandes carros de guerra, um exército formidável bem abastecido, chefes de renome e um empenho enorme na vitória, porque, ao apossar-se daquela praça forte, teria resolvido parte das suas aspirações. Deteria, de futuro, as investidas dos ases da moirama.

A súbitas, como se os infieis tivessem espalhado um malefício, começou a grassar uma epidemia terrível que devastava os sitiadores. A pestelança causou vítimas sem conta e o terror instalara-se nos espíritos. A doença atacava, de preferência, os fidalgos. Parecia que o mal se aliara ao inimigo e os cavaleiros, reúnindo em conselho, pediram ao rei que desistisse de seus propósitos, abandonando a posição.

Encarou-os com desdenhoso aspecto; julgou-os acobardados; quis dar-lhes o exemplo da persistência em semelhante lance e, dentro em pouco, assaltado pelo mal, sofreu o contágio e morreu em sexta-feira santa (1).

Chamaram-lhe *Justiceiro*. Tê-lo-ia sido para todos, excepto para a rainha, porque a abandonou.

O seu cadáver, revestido de grande pompa, foi transportado para Sevilha e sepulto na igreja de Santa Maria Maior. A viúva só pensara na subida do filho ao trôno. Diante daquêles despôjos, era a rival que lhe lembrava abatida do seu esplendor.

Tudo acaba nêste mundo; às vezes, porém, tarda em chegar o fim desejado pelos inocentes ao vêrem triunfantes os culpados. D. Maria de Portugal sentiu com o delicioso júbilo de

---

(1) 1350.

uma vingança, largo tempo esperada, a queda da sua torturadora.

Assim que desceu a tampa da jazida sobre o corpo do rei, em Santa Maria Maior, a nobreza, curvada, beijou a mão do herdeiro da refulgente corôa. Os quinze anos de D. Pedro — que seria chamado o *Cruel* — pareciam agigantá-lo.

Não era uma criança no porte. Tomara a magestade capaz do domínio. Infundia terror ao referir-se à amante do pai, que estava nas suas terras de Medina Sidónia, as quais lhe tinham sido outorgadas.

A rainha D. Maria julgou dirigir o espírito do filho. Referiu-lhe, após a aclamação, tôdas as amarguras sofridas, disse-lhe das mais secretas dôres da sua alma, esqueceu-se de fazer a confissão do amôr, que ia ser mais culpado, mas espicaçou-o com a idéia do enorme mêdo, sentido durante quinze anos, de que tirassem o trôno ao seu natural senhor, a êle, D. Pedro, fruto querido das suas entranhas.

De tudo quanto ouviu, o rei só aprendeu o ódio da mãe à concubina real e os receios — que eram os próprios — em relação aos irmãos, capazes de lhe disputarem o mando.

Entregou-se a uma desvariada raiva. Mandou chamar os filhos de D. Leonor, D. Henrique, D. Fradique, mestre de S. Tiago e outros parentes da concubina. Mas hesitou, talvez por sábio conselho da soberana. Melhor seria não virem todos. D. Fradique, o mais temido, devia ficar na sua terra de Maestrazgo, aguardando a visita do soberano.

Naquela mesma tarde, D. Maria exigiu-lhe a ordem para ser conduzida ao cárcere de Sevilha a mulher que tanto a atormentara.



## A NETA DA RAINHA SANTA

Não era de balde que nas veias da neta da Rainha Santa corria também o sangue de D. Afonso, o *Bravo*.

A formosíssima D. Leonor de Gusman encarou, com arrego, o magistrado que a devia escoltar; quis que chamassem à sua beira a família; evocou as qualidades de nobreza da sua prole; porém, inflexivelmente, fôram-lhe demonstrando a impossibilidade de a atenderem.

A ordem partira de el-rei. Ela compreendeu vir antes da rainha. E o passado, acudindo-lhe, sobressaltava-a por demais. Ia pagar a sua dívida.

Entrou na prisão. A rainha rejubilava. Sentia o comêço da sua desforra e, daí em diante, apenas pensou em acabá-la da maneira mais terrível.

As suas lágrimas, de tantos anos, queria-as coalhadas com o sangue da vencida.

A avó, a santa rainha, transformara em rosas o oiro das férias dos artífices. Também seria vermelho, como elas, o produto do seu milagre de ódio.

Aconselhava o filho a que se casasse depressa, a fim de haver garantia de sucessão, não fôsem os irmãos esbulhá-lo do trôno.

Concedeu-se licença a D. Henrique para vêr a mãe assim humilhada, e, ela, habilíssima como sempre, foi-lhe impondo o rápido consórcio com a sua prometida D. Joana, filha de D. João Manuel, tio do soberano e com quem o quériam unir. Dava-lhe mais probabilidades para a herança da corôa, se acaso a tentassem. Ele obedeceu e a rainha D. Maria, irritadamente, acusou, com maior fúria, a cativa. O monarca rugiu ao ouvir as queixas que o atin-

giam. Viu aquêlê acto como uma conjura contra o seu poderio e ia proceder quando uma grave doença o abateu. Reuniu-se à sua volta a sábia mestrança. A mãe tremia ao vê-lo prostrado pela intensa febre. Receou que voltasse ao mando a sua prisioneira, ao passo que, à volta do leito régio, se espionava o fim do monarca, cuja herança se começava a indicar.

Pronunciavam-se uns pelo infante D. Fernando de Aragão, sobrinho de D. Afonso XI; outros, porém, por D. João Nunes de Lara, senhor da Biscaia, em cuja ascendência estavam os La Cerda, de sangue real do infante D. Fernando de Castela.

Para o que reinasse destinavam a rainha viúva. Ela seria a espôsa do escolhido. E D. Maria, entre mêdo da rival e de tais consórcios, sofria, terrivelmente, pensando em Martim Teles de Meneses:

— Meu Deus, e o meu amôr?!









## TERCEIRO QUADRO

# OS AMORES DE PEDRO, O «CRUEL»

**Q**UANDO o rei melhorou dir-se-ia que a fébre lhe dera mais ferros instintos. Levantara-se, do leito, pálido, porém, em môres freimas. Os cavaleiros de S. Tiago, quási renegando D. Fradique, seu mestre, prestaram menagem das fortalezas ao soberano.

D. Maria passara de Sevilha para Lerena e no cortejo real, que se desenrolava pelas campinas, viam-se umas andas fechadas em tórno das quais se eriçavam lanças. A rainha leva no seu séquito D. Leonor de Gusman prisioneira. Queria-a na sua vila, à sua mercê, impotente; e, para a dominar mais, arrastá-la-ia assim até Talavera.

Na primeira detença da real comitiva acudiria D. Fradique, solicitando licença para vêr a mãe, que recolhera ao cárcere, enquanto os viajantes descansavam. Martim Teles levava

## A NETA DA RAINHA SANTA

à rédea a hacanéa em que montava a soberana, e tal honra, só concedida a parentes ou aos príncipes, começava a gerar a murmuração. Não havia dúvidas; o mordomo-mór devia ser amante da viúva do rei de Castela, da mãe do novo monarca.

A concubina de D. Afonso XI apertou ao peito o filho, chorou desoladamente, em grande pranto. Humilhadíssima, sentia-se a pagar, por terríveis preços, a grandeza de outrora, quando folgava na côrte e a esposa do seu amoroso vivia, num canto, esbulhada das honras régias.

Os guardas assistiam àquela scena, compreendendo o estalar dos corações dos seus protagonistas, e, quando mãe e filho se despediram para sempre, os cavaleiros aconselharam ao mestre de S. Tiago a immediata partida para junto de D. Pedro I. Ele assim fez, receoso das vinganças adivinhadas.

O cortejo da rainha continuou a sua marcha, sendo ordenado ao alcaide de Talavera, D. Gutier Fernando de Toledo, que guardasse no palácio a antiga favorita régia, dando-lhe por aposentos as casas fortes. Era um cárcere ao qual deviam chegar, de quando em quando, os ruídos das alegrias do alcaçar. Torturava-se mais, dêste modo, a formosíssima mulher que tanta influéncia tivera no ânimo do antigo monarca.

Deixaram-na ali. Não se concebia o que a soberana decidira àcêrca do fim da sua rival. Decerto, não lhe daria a liberdade. Ao evocar tantos tormentos passados não arranjava lugar para um simples arrepio piedoso.

Ódio e só ódio, nutriam, uma pela outra, e se D. Leonor de Gusman nunca pudera vencer totalmente a esposa do amante fôra por-

que, em Portugal, estava de vigilância D. Afonso, o *Bravo*, capaz de investir com suas tropas contra as do genro adúltero.

A vitoriosa, era, enfim, a sacrificada de há pouco, a amante de Martim Teles, a mãe do monarca castelhano. A intriga subia, cada vez mais forte e ousada.

Espalhara-se que D. Pedro não era filho de D. Afonso XI, mas sim uma criança que se tomara para garantir a sucessão directa. Levantavam tais testemunhos contra o rei os inimigos, partidistas da prisioneira. O monarca seria, pois, um adventício, um ser do acaso que subira ao trôno.

Implacavelmente se combatiam as duas facções.

Uma manhã, a viúva mandou chamar à sua recâmara o escrivão real Afonso Fernandez de Olmedo. Confidenciaram largamente; pareciam querer ocultar de toda a gente o ali dito em segrêdo tão apertado que nem Martim Teles assistira à conferência.

O escrivão desceu dos quartos habitados por sua ama ao subterraneo onde vivia a linda D. Leonor. Fechou-se com ela, e, ao abrir de novo a porta da prisão, correu, rapidamente, para a real presença.

Calaram-se uns instantes; êle saudou a soberana; beijou-lhe a mão. D. Maria decerto sentira um estremecimento ante aquêlo ósculo acompanhado por palavras pronunciadas em voz baixa.

Correu a notícia de que a antiga favorita fôra morta. Era verdade. Afonso de Olmedo executara-a por ordem da rainha, que de futuro não teria mais a temer da raiva concentrada na alma da inimiga.



## A NETA DA RAINHA SANTA

No cárcere do régio alcaçar de Talavera, acabara a mais bela das mulheres da sua época, a mais querida dos reais amantes. Os beijos trocados nessa noite entre a mãe de Pedro, o *Cruel*, e o amado deviam saber a sangue.

Quando se espalhou a notícia daquêlê assassínio houve clamores em diversos lugares do reino. Acudiram aos pés do monarca algumas instantes queixas. Ouvia-as serenamente, sem um brado, longe dos cortesãos, alheio, estranho. Geralmente rugia; desta vez quedara-se. Aplaudia a vingança materna.

Mas não era só isso. O mancebo terrível amava e, quando se ama, o coração prêso abafa a maldade que possa conter.

A fôrça de ouvir os conselhos para se casar, a-fim de garantir a sucessão, deixara que os plenipotenciários tratassem do seu consórcio com D. Branca de Bourbon, sobrinha do rei de França, Carlos V.

Tinham-se alçado contra êle alguns fidalgos, acaudilhando o senhor da Biscaia, que se rebelara, sonhando com o trôno. Foi morto o chefe da insurreição, e as irmãs dêste, D. Joana e D. Isabel, caíram em poder do vencedor, que as conduziu prisioneiras para junto da soberana, a qual insistia arduamente na realização do enlace.

Aprestara-se tudo para a cerimónia; porém, o amôr, que tantas devastações causara na alma do pai, apossara-se do filho e tornara-o um ser diferente do que fôra até ali. Fingia obedecer à mãe, mas só a escutava quando eram coisas trágicas as solicitadas. Desta vez, a paixão assoldadava-o. Jungia-se-lhê.

A mulher que assim o interessara chama-

va-se D. Maria Padilla. Vira-a em Gijon; era donzela de D. Isabel de Meneses, esposa de João Afonso de Albuquerque. Diziam querer-lhe como a filha estremecida. Todavia, o fidalgo enredou em tórno da beleza da pupila uma combinação política, à qual não foi estranho um tio dela, de nome João Fernandes de Henestrosa.

O soberano adorava-a tanto que nem se lembrou mais das promessas de casamento feitas a D. Branca de Bourbon.

Chegara a vez da rainha D. Maria experimentar o seu poder na alma do filho.

Devia ser enorme o desengano, tão grande como o de Albuquerque, ao imaginar-se a dirigir o soberano através da lindíssima Padilla, assim como o pai se submetera a D. Leonor de Gusman.

O *Cruel* não era de raça a subordinar-se. Vencera no campo o antigo mórdomo-mór da concubina paterna. Afonso Fernandes Coronel, quando o tutor da querida real o intimara a render-se, vovera:

— «D. João Afonso, esta é a Castela que faz os homens e os mata!»

Morreu e seus avultados bens, em vez de irem aumentar a fortuna de quem se julgava o válido régio, passaram para D. Maria Padilla, cuja beleza deslumbrante arrastava o soberano a loucuras que não comportassem a diminuição de autoridade, da qual era tão cioso como um tigre da sua fôrça.

Debalde a rainha D. Maria, muito mais ligada a Martim Teles, repetia ao filho que apressasse o consórcio. Ele não amava D. Branca de Bourbon; chegava-lhe, porém, a compreensão da necessidade dêsses esponsais, de cujo

tálamo proviriam os herdeiros directos, pois o rei, sem sucessão legítima, corria o risco de ser prêsa dos ambiciosos.

Já chegara a Valladolid a prometida noiva. D. Pedro estava em Torrijos, nos braços da amorosa. Uma imensa repugnância o assaltou ao ouvir os fidalgos aconselharem-lhe a cerimónia. O Albuquerque, buscando, talvez, outro caminho para o poder, parecia o mais ardido em o libertar da antiga pupila. Além da falta dum herdeiro que só o matrimónio legítimo lhe podia dar, sobreviria uma guerra com a França.

Se era apenas para cumprir, êle não se negaria. Disse e foi casar-se, a Santa Maria-a-Nova, coroado e de manto real; assistiu às justas e torneios, aborreceu-se no meio da pompa, noivou dois dias com a esposa e deixou-a para ir ao encontro da adorada.

A mãe increpou-o; junto da rainha de Castela aparecia a de Aragão, ajudando-a nos ralhos e convencimento ante o soberano, que as acolhia com fúrias. Lançaram-se de joelhos a seus pés; suplicaram, evocando o bem do reino, e êle, num arrebatamento, espumando raiva, encarava-as, contendo-se, para não atirar ao rôsto de D. Maria de Portugal os rumores da sua culposa paixão.

Aquietou-se, na aparência; despediu-as, garantido-lhes não votar a consorte ao abandono; ludibriou-as com uma habilidade pouco de seu feitio arrebatado; e, ao vê-las partir, atirou uma ordem ao escudeiro e desceu as escadarias, para montar a cavallo.

Passou como um corisco em direitura à Póvoa de Montalvão, para onde mandara seguir a adorável Padilla, e, ao abraçá-la, sentiu-se pago de tantos aborrecimentos.



## A NETA DA RAINHA SANTA

A abandonada chorava como outrora succedera à mãe do louco perdido de amores; a favorita ia ocupar no reinado de D. Pedro I o lugar que a outra tivera no govêrno de D. Afonso XI. Assim pensava a rainha viúva com o amante e os outros guerreiros indignados ante o procedimento real, formando um partido no qual entrariam, inevitavelmente, os filhos de Leonor de Gusman, a assassinada.

Eles ou esqueciam o suplício da mãe ou meditavam, com a luta, uma crudelíssima desforra.







## QUARTO QUADRO

# OS AMORES DA RAINHA VIÚVA

**E**M tórno de D. Branca de Bourbon tinha-se reunido grande parte da nobreza. O mestre da ordem de Calatrava, D. João Nunes do Prado, e João de Albuquerque eram os chefes incontestados dêsse partido, cujo fim consistia em obrigar o soberano a abandonar a amante, que este último fidalgo lhe lançara nos braços.

O monarca não se detinha na sua freima apaixonada. Para êle só existia uma mulher digna da sua paixão: Maria Padilla. A rainha detestava-a como a uma cadeia. O amor pela favorita não impedia, porém, que sua cabeça se transtornasse ante outras beldades, logo repudiadas.

Vira uma mulher de grandes encantos, D. Joana de Castro, viúva do nobre D. Diogo de Haro, e pensara em conquistá-la. A dona era honesta; enlouquecido de lúbricos de-



## A NETA DA RAINHA SANTA

sejos vivia o rei; e, quando uma deputação de cavaleiros appareceu a querer separá-lo da antiga amante, êle, encarando os parentes da favorita, o Albuquerque, o de Hienestrosa, tomara a attitude enganadora para lhes certificar ter morrido sua paixão. A prova, dizia-o claramente, estava em que, não amando a esposa, queria anular seu consórcio, escolhendo outra. E falou da linda D. Joana de Castro.

Os nobres partiram cheios de pasmo. Salvavam-no duma delirante união, sem legalidade, e viam-no disposto a cometer um sacrilégio.

É haveria quem o patrocinasse? — perguntavam as rainhas de Castela e de Aragão.

D. Maria de Portugal, nessa hora, mal se lembrava da vida falsa que levava com o amante, cuja família vivia no seu país.

Houve prelados que consagraram a infancia de D. Pedro I. Os bispos de Salamanca e de Avila casaram-no, corçoando a viúva grácil que só com os sacramentos se lhe entregaria. Realizou-se a cerimónia em Cuelar. Na alcôva régia, o *Cruel*, apossando-se loucamente da mulher, como duma prêsa, sentiu passar-lhe o amôr. Recordou-se da outra, da Padilla, cujos feitiços eram poderosos, e, deixando a nova espôsa, como largara a antiga, foi procurar os beijos da adorada, os únicos que lhe sabiam bem.

Os fidalgos irritaram-se mais; a cólera subia com os protestos enviados ao monarca, que mandava prender ou suplíciar os mensageiros. A amante assustava-se com os ímpetos do soberano e, sempre que podia, evitava a morte dos condenados. Como Alvaro Gonçalves Mourão e D. Alvaro Pires de Castro,

irmão de D. Inês, tida já por amante do príncipe D. Pedro de Portugal, fôsem ao encontro do monarca, a-fim de tentarem conduzi-lo ao bom entendimento com a esposa, êle deliberou supliciá-los em Olmedo, para onde os convocou.

Sem o aviso da formosa concubina, êles teriam perecido. Debalde o rei os aguardaria para os castigar; mandou que os tomassem por todos os modos, valendo-se aquêles cavaleiros da fuga para Portugal.

Martim Gil, filho de D. João Afonso de Albuquerque, estava como refem em poder do terrível soberano.

Acercara-se dêle o bastardo D. Fradique e tanto se insinuou no ânimo de D. Maria Padilla que bem o acolheu o amoroso.

Julgava dividir o partido dos descontentes. Em breve o mestre de Calatrava, D. João Nunes do Prado, caía em poder das hostes reais e, recluso no castelo de Maqueda, recebera a morte dada por Diego Garcia, que obedecera a seu amo.

Tanto sangue nobre espalhado produzira uma revolta maior. A rainha mãe compreendera quanto eram ferozes os instintos do filho, que ela açulara, no começo, ao tratar-se da sua vingança.

Agora, contando quarenta e um anos, e sentindo-se amada pelo bravo D. Martim Teles, que tudo deixara por sua causa, apetecia-lhe o sossêgo, para serem mais saborosos os seus beijos de apaixonada. E quando ela só pretendia a paz, como após a viúvez amara a desforra, o único fruto da sua união com Afonso XI tornara-se indomável.

Chegava a pensar que êle não a amava; por

## A NETA DA RAINHA SANTA

vezes estremecia ao lembrar-se de que, suspeitando de seus amores, a quisesse separar do amante. Sorria-lhe a idéia da fuga para Portugal, mas, ao lembrá-la, era o rôsto severo do pai que lhe aparecia, condenando-a.

Talvez que o apaziguasse mostrando-lhe como durante tantos anos sofrera os desprezos do marido, sentindo a seu lado, palpitante de amôr, uma alma que, pouco a pouco, se habituara a bem-querer.

O mordomo-mór era o grande conselheiro de suas determinações, o confessor que lhe escutava as queixas, o amoroso pronto a abafar as próprias dôres ante as agruras que ela passava. O esposo tributava tôdas as homenagens à outra; abandonava-a; tornava o seu manto de rainha um tapete para os pés da favorita, e, junto dela, tão desditosa, D. Martim Teles servia, suspirando.

Depois, quando nascera o herdeiro do trôno, de quem o pai fazia tão pouco caso como da rainha, preferindo-lhe os filhos da Gusman, fôra ainda o fidalgo português que a aconselhara, lidando em cuidados com a educação do futuro rei, como se não ardesse em zelos ante aquêles penhor das noites que ela passara no tálamo conjugal.

Fôra preciso dizer-lhe com quanto desalento se entregara; porque razões políticas obedecera a êsse homem em cujos beijos não encontrava paixão. Julgara amá-lo ao vê-lo cavaleiro destemido, galante e, sobretudo, rei; mas, quando se consultara, sentira que os desesperos partiam não do amôr mas do desprezo infligido ao seu orgulho de filha dum soberano.

Amor, não; raiva, cólera, ondas de des-



peito, a enganarem-na, rugindo dentro do seu coração, forte como o do pai inclemente.

Ele próprio, tão rude e tão altivo, lhe aconselhara as submissões em nome da forte razão do Estado. Para êsse soberano valoroso só elas existiam. Amôr, não — soubesse-o Martim Teles — apenas obediência.

Mas como não pensaria daquêle modo, se ela própria, outrora, julgara amar o marido?! Amôr, não . . .

E, suspenso de seus lábios, o mordomo-mór atreveu-se a perguntar-lhe se seu coração ficaria mudo para sempre.

Dêste modo, a rainha abandonada e o fidalgo que a adorava confessaram o seu affecto, ligando-se, primeiro em segrêdo, depois quasi aos olhos do mundo, porque as grandes paixões não se escondem.

Ele era casado no reino; tinha esposa, filhos e filhas. Não podiam pensar em ir para Portugal, onde o terrível monarca os castigaria. E era sempre a cólera interminável do rei, que sentiam implacável e rijo, como quando êla lhe fôra sclicitar auxílio, para o marido, contra os moiros.

Em Castela corriam mal as coisas. De dia para dia, D. Pedro ganhava mais fóros ao título de *Cruel* e, decerto, se descobrisse a sua paixão, seria bem capaz de a condenar.

Lançava-se nos braços do amante, como se receasse vê-lo morto só perante estas idéias que lhe acudiam.

D. João Afonso de Albuquerque continuava a chefiar a revolta e contra êle se moviam as hostes do rei, entre as quais iam dois dos filhos de D. Leonor de Gusman, D. Fradique e D. Henrique, com João Garcia de Vilugera, irmão de D. Maria Padilla.

## A NETA DA RAINHA SANTA

Os descendentes da concubina de Afonso XI estavam de camaradagem com o germano da favorita de D. Pedro I. O chefe dos rebeldes acabara por atravessar a fronteira ao vêr cercado o seu castelo de Albuquerque e o rei enviara mensageiros ao avô, a-fim de o convencer a entregar-lhe o foragido.

Chegaram no dia do casamento da neta de D. Afonso IV, a infanta D. Maria com o successor da corôa de Aragão, D. Fernando. Apareciam-lhe em galas, tanto quanto em desalientos se lhe aproximara o exilado.

Ele evocava o sucedido com a rainha viúva de Afonso XI, por causa da concubina real D. Leonor de Gusman; reportava-se à missão dos que o vinham requerer para o levarem manietado ante o soberano de Castela, e, lembrando o reino em lutas e as honras reais despedaçadas por aquela paixão, o nobre cavaleiro parecia penetrar no ânimo do *Bravo*. Escutava-o, antes de ouvir os outros, os fidalgos que o neto lhe enviava, a Evora, onde a côrte residia durante as bodas dos infantes, às quais assistira também a rainha D. Maria.

Os filhos de D. Leonor de Gusman estavam por alcaides, em nome do rei, no castelo do senhor de Albuquerque, vizinho de Badajoz, fronteiroço de Marvão; complicara-se o pleito, mas quando se julgava que tudo acabaria em bem, a amante de Martim Teles já não escutava as vozes políticas.

E' que o infante D. Pedro, seu irmão, quando a conduzira, de novo, para a fronteira, de Estremôz a Elvas, falara-lhe dos seus amores com D. Inês de Castro, sua tão querida, e que o pai reprovava, condenando-os indignadamente.



«**S**EGUNDO foi fama, disseram que o rei D. Afonso de Portugal, pae della, lhe fizera dar hervás com que morresse, porquanto o desgostava a fama que ouvia della.»

(Ayala — *Chronica de D. Pedro*).





Atormentava-se ante aquella narrativa, ao saber que D. Afonso IV nem ao filho perdoava o adultério, evocando sempre as razões de estado e os amores de D. Leonor de Gusman transtornadores da vida de Castela.

Como procederia o pai, se a soubesse encantada nos braços de Martim Teles de Meneses?

E a amorosa estremecia de fundo mêdo.

Grande era o receio da rainha viúva D. Maria, quando reentrou em Castela ao lado do amante. Dera-se um acôrdo singular entre o rebelde D. João de Albuquerque e os filhos de D. Leonor de Gusman, D. Henrique e D. Fradique, os quais fizeram combinações para a entrega da fortaleza ao chefe dos revoltosos.

Juntaram-se nas margens de Caia e ali trataram do acto e ainda de mais alguma coisa de secreto.

O irmão de D. Inês de Castro, aquêlê D. Alvaro Pires de Castro, que fugira às justças do *Cruel* e se instalara em Portugal, acudira a propôr-lhes aliança contra o rei que o condenara. Eles, sabendo-o muito querido do herdeiro do trôno de D. Afonso IV, fallaram-lhe em o levantar por soberano. Ergueriam a voz pelo príncipe portuguez, que devia andar bem agastado com D. Afonso IV, o qual lhe condenava os amores com a lindíssima *Colo de Garça* (1).

O infante concordara na acção; abraçou o irmão da amante e dispôs-se a aceder aos desejos dos conspiradores contra o primo castelhano. Não contara, porém, com o rei, que, sabedor de tais entendimentos, lhe mandara

(1) *Linda Inês* — Colecção «História» — 1.ª Série.

## À NETA DA RAINHA SANTA

mestre João das Leis e Fernando Cogominho a detê-lo no intento.

Constara tudo isto, à rainha, e a aliança dos bastardos de Afonso XI contra D. Pedro I; sentira o poder de Albuquerque e não quisera atravessar por suas terras, medrosa de que o filho a julgasse cúmplice.

O irmão acompanhou-a por Nisa, levando no séquito o mestre de Cristo e D. Alvaro de Castro. Mais do que nunca a atitude de Martim Teles serviu para revelar os seus amores.

Chegados à fronteira passaram a Zamora, deixando os portugueses no seu reino. Apareceram meditados em Toro; ali se recolheram ao constar-lhes das fundas raivas do soberano, ao ouvir as traições de que era vítima. Nem sequer o procuraram no dia da entrada; viram-no, depois, pasmando de tanta calma, como a que mostrava após os primeiros ímpetos.

Soubera como D. Fradique se entendera com alguns cavaleiros de S. Tiago, que lhe entregaram os castelos; outros tinham-se negado a servi-lo e assim praticara Pero Sandoval, alcaide de Montiel.

Era de novo a guerra.

João Afonso apoderou-se, pouco a pouco, de várias fortalezas, tomara territórios e arranjara apaniguados, em nome da rainha D. Branca; e o rei, à frente das suas hostes, correrá a combatê-lo. Avançou sobre Montalegre, que alçara a bandeira rebelde. Achevou-se às muralhas e foi repellido; em Vila Alva de Alcôr acolheram-no como em Cêa, em Grajal e noutros pontos. Cresciam as mesnadas contrárias.

A idéia de D. Pedro consistia em se aposar da espôsa, de haver às mãos D. Branca,



## A NETA DA RAINHA SANTA

tirando, dêste modo, aos adversários a razão de sua luta.

Voltando-se para o de Henestroza, tio de D. Maria Padilla, ordenou-lhe que fôsse buscar a rainha a Arevalo e a conduzisse a Toledo. A soberana obedeceu; chegou em companhia do bispo de Segóvia, aguardando as ordens do marido. Mandou-a recolher ao convento de Santa Maria e dispôs-se a enfrentar os rebeldes. Quando desejou partir ouviu a consorte declarar que não sairia dali.

Apossou-se do *Cruel* a raiva costumada e entrou em tôrvas ameaças.







## QUINTO QUADRO

# OS TERRORES DAS AMOROSAS

**P**EDRO, o *Cruel*, julgou encontrar o apoio da nobreza, mas succedeu que a de Toledo, em sua maioria, se proclamou pela rainha D. Branca. Era insinuante, dôce e boa, e, queixando-se às monjas e às aias, encontrara o seu affecto. Dirigidas por D. Leonor de Saldanha, a camareira-mór, acabaram por interessar os parentes na sorte da desditosa.

Fizeram correr que o marido dera ordem para a encerrar no paço. Possivelmente, o monarca tramava êsse lance, que o libertava da mulher, confiada a boa guarda. Acrescentava-se que, como só bemqueria à Senhora de Padilla, fatalmente a cativa seria morta para que a outra pudesse partilhar o trôno. Evocavam-se as tormentas do tempo de D. Afonso XI e as fileiras da revolta engrossavam como um rio sob os dilúvios.



## A NETA DA RAINHA SANTA

Libertaram-na da residência conventual; transportando-a para o alcaçar, em grande pompa, consideraram-se seus defensores, e, guardando-a muito bem, dispuzeram-se a bater os fiéis do soberano.

Imediatamente chamaram D. Fradique para Toledo, com os seus homens de armas; disputam-se a entregar-lhe a chefia dos rebeldes, enquanto não chegava D. João Afonso de Albuquerque, a alma da sedição.

Pouco depois, a rainha D. Leonor, mãe dos infantes aragoneses, seguia os nobres para os domínios insurrectos e, mais do que nunca, levou a guerra.

Os senhores juntaram-se. Pedro I sentiu pertencer-lhes a fôrça. Lançou-se num castelo fiel, o de Tordesilhas; dirigiu-se à mãe, para que o apoiasse, e ela, saindo de Toro, encontrou-o em fúrias, increpando céu e terra.

D. Maria Padilla chorava como se preadivinhasse o futuro do amante. D. Maria de Portugal consentiu em seguir viagem juntamente com a concubina. Temia o filho; receava que êle a increpasse àcêrca dos seus amores, se acaso os soubesse, ou lhe desse castigo por não acatar a real bem-querida.

Preparava-se um encontro dos nobres partidários da união do monarca com D. Branca de Bourbon. Não iam junto do rei a-fim de lhe exporem as suas altas razões; enviavam-lhe as donas de respeito, ficando êles a distância. D. Leonor de Aragão e as damas da mais alta estirpe acercaram-se do trôno, com os recados. Pediam-lhe que se separasse da amante, metendo-a num convento, em França ou noutro reino; devia pôr fóra de sua privança os parentes daquela mulher que

o arrastava. Dêste modo, os grandes vassallos o acaudilhariam; de outra maneira seria a luta dos partidos.

Recusou, num berro. Elas deixaram-no, assustadas com o seu semblante. A mãe tentou aconselhá-lo; recebeu um olhar laivado de sangue, o expoente do seu sentimento. Recuou apavorada e pediu-lhe licença para se retirar, a-fim de se recolher a Toro. Mais a mediu. Calou-se, ainda, àcêrca dos seus amores já dilatados.

Rememorava os males que daí podiam advir, cheio de desconfianças e rancôres.

Sabia que os seus inimigos tinham mandado João Afonso Telo a entender-se com Martim Telo, seu irmão, o que diziam amante da rainha. Estava em Valladolid; naturalmente aceitava-lhes as idéias e as cóleras, desde que os outros tinham mais poder. Lembrava-se do desejo manifestado pelos bastardos, pelo Albuquerque, pelo irmão de D. Inês de Castro, desejo que consistia em alçarem ao trôno de Castela seu primo, o infante D. Pedro de Portugal, como neto de Sancho IV.

Paralelava tudo, recordando o que fôra combinado durante a viagem da rainha D. Maria ao seu país, quando da boda de D. Fernando de Aragão, ambicioso, e que talvez contasse já combatê-lo.

Decerto que D. Martim Telo estava com os seus inimigos. E a mãe? Pois não sabia êle como o amôr anula as faculdades de pensar, a ponto dos olhos só vêrem pelos dos amados e o cérebro só refletir as vontades dos dominadores bem-queridos?! Sabia-o, e bem.

A rainha viúva não o defenderia, a êle,

## A NETA DA RAINHA SANTA

seu filho, contra as decisões do amante, se acaso as tomasse como julgava.

Rangia os dentes em fúrias; riu, em grande alegria, quando lhe disseram da doença que assaltara o chefe dos partidários de D. Branca.

D. João Afonso de Albuquerque enfermara; os físicos não atinavam com as causas dos seus males, e deitara-se um bando pedindo um sábio capaz de acudir ao nobre senhor, que tanta falta fazia, naquêlles momento, para garante da vitória.

O *Cruel* concertou-se com mestre Pablo, o Romano, cuja fama enchia Castela e Aragão; ofereceu-lhe prebendas e mercês para o livrar do adversário.

Soube convencer êste homem, que guardava enormes segredos àcêrca das virtudes e maleficios das plantas; e, quando o infante D. Fernando o chamou para tratar do doente, viu-o, abanou, desoladamente, a cabeça, como se apenas um milagre o podesse salvar, e fingiu-se disposto a tentá-lo.

Pouco depois de lhe ministrar uma bebezagem, da qual, em seu dizer, dependeria a salvação do cavaleiro, o illustre fidalgo expiou e o físico partiu para receber a paga de sua acção. O rei deu-lhe propriedades em Sevilha, no valor de cem mil maravedis e nomeou-o seu contador-mór. Era a prova de que a peçonha livrara o soberano do maior dos seus contrários.

Soube-se, então, que os fidalgos, num impeto indignado, tinham aparecido diante do cadáver, fazendo um juramento solene. Não sepultariam o corpo do heróico guerreiro enquanto estivesse por vencer o seu pleito; o cadáver seria o seu pendão, um símbolo,



um escudo, e iriam, com êle embalsamado, percorrendo as terras, até que o monarca fôsse vencido.

Meteram-no numa tumba; elegeram para a chefia vaga o seu mordomo-mór Rui Dias, o Cabeça de Vaca, e começaram a peregrinação que devia dar a D. João de Albuquerque o cognome de «o do Ataúde».

Novamente mandaram emissários a D. Pedro. Desta vez, não fôram as donas encarregadas de o convencer a tomar consigo D. Branca, mas uma luzida falange de cavaleiros, que o procurou. Eram êles dos mais escolhidos por suas maneiras e diplomacia. Pero Carrilho, Juan de Bazan e Pero de Agüero indagaram da pousada real. El-rei encontrava-se em Toro, como se quizesse vigiar mais de perto a mãe e o amante, ou acreditando no poder de defeza da rainha.

Decerto, não o sacrificaria. Pensava, umas vezes, dêste modo; outras, do contrário. Achegara-se; instalando-se ali, não diminuia as suas maneiras feras nem os desígnios vingativos. Inundava-o um eterno delírio de sangue. Dos cavaleiros fiéis fôram alguns ao encontro dos delegados inimigos. Um dêles, Fernão Alvares de Toledo, queria acolher com graças um dos contrários, de nome Pero Carrilho, desejando conduzi-lo à residência escolhida para seu bom albergue.

Afonso Tenório, adversário do Alvares, a-pesar-de lidarem no partido real, pretendia ser êle o hospedeiro do mancebo. Entraram em disputas; enredaram-se em insultos, lançando-se em combate, do qual outros participaram. Foi êste o espectáculo dado aos plenipotenciários. Ficaram conhecendo os ódios

## A NETA DA RAINHA SANTA

das hostes do monarca e daí as maiores exigências, feitas mal se encontraram na real presença.

Recordavam-lhe, ousadamente, o que praticara desde o abandono da mulher até à chamada dos parentes dela para validos; a doação, aos partidários da concubina, dos bens e honras dos grandes senhores vencidos ou mortos.

Evocavam D. João Afonso de Albuquerque e seu filho, Martim Gil, tido como refens. Queriam o repudio da favorita, o afastamento dos que a serviam ou eram seus parentes, podendo o monarca dispôr de suas tenças para lhes dar, mas nunca dos réditos do Estado.

D. Pedro disfarçou a raiva que o enchia. Voltou-se, com serenidade, para os emissários, e declarou-lhes desejar entender-se, de preferência, com os infantes de Aragão, o Mestre D. Telo, D. João de Lacerda e outros grandes senhores. Deviam ser cinquenta, apenas armados de lorigas e espadas, só podendo levar as lanças o monarca e o infante D. Fernando. Ele escoltar-se-ia com igual número de cavaleiros, e assim resolveriam, em boa paz, num sítio a pequena distância da cidade.

Convocaram-se para Tejadilo os dois bandos compostos pela maior nobreza, a que acaudilhava o soberano e a que tinha como símbolo o ataúde de D. João de Albuquerque.

Beijaram a mão ao *Cruel*, reconhecendo-o, assim, por seu rei, e expuzeram-lhe as queixas acumuladas no passado. Já sabia, por demais, o que queriam; escutava-os, porém, como se pela primeira vez ouvisse tais dizeres,

Confessaram-lhe andar arredados porque só desejavam vêr todos de bem com o rei e a rainha, unidos num sinal de tréguas. Solicitaram que nomeasse algum dos seus conselheiros, a-fim-de combinarem com os deles àcerca da maneira definitiva de se concertar o pleito. Acedendo, ofereceu a entrada dos delegados em Toro, onde a rainha D. Maria os aguardava. Consentiram, crentes na vitória.

Àquella hora, a amante de D. Martim Telo tremia, sem comprehender os desígnios de Sua Real Mercê, seu filho.









## SEXTO QUADRO

### Ó AVANÇO DO «CRUEL»

**A**RAINHA D. Maria, refugiada nos braços do amante, pretendeu, debalde, acautelarse dos olhos sangrentos do rei. Êle tinha-a à sua mercê, desde que a vitória o bafejasse. Era abutre sedento.

Diante da mãe, curvou-se a beijar-lhe a mão; abraçou a tia, a rainha aragonesa, e escutou-as, ao lado do seu tesoureiro Samuel Levy.

A voz da soberana viúva foi suave nos conselhos, ao solicitar-lhe sempre o mesmo, mal viu afastado o judeu do erário. O monarca fixava aquela mulher, amancebada com um fidalgo do seu séquito, cujos amores já corriam de bôca em bôca, e que ainda arranjava fôrma para verberar a sua paixão por D. Maria Padilla.

Refletia; os caudais de sangue que desejava derramar asfixiavam-no, e, sobretudo, encheu-se de apoplética cólera quando o infante D. Fernando deu ordem para prenderem

## A NETA DA RAINHA SANTA

o tesoureiro régio e o tio da favorita, Juan Fernandez da Henestroza. Diziam findo o conflito.

Deram sepultura, no convento de Espinosa, ao cadáver de Albuquerque, «o do Ataúde». O monarca consentiria em receber a espôsa. Vivendo à sua guisa na cidade de Toro, somente o escoltavam de perto quando desejava caçar nos arrabaldes. Era um prisioneiro; a amante estava longe. O rei começara a distribuição das riquezas pelos parentes: a vila de Rôa, a D. Leonor de Aragão; a de Madrigal, ao infante; a D. João, a Viscaia; ao Lara, Vale de Corneja. Depois, chegara a vez dos cavaleiros, muito amerceados com alcaidarias, o que lhes dava poderes.

D. Pedro, o *Cruel*, estava quasi prêso. A mãe andava cheia de pavores.

Numa manhã de grande nevão, o soberano, partindo para uma montaria, de tal fórma se afastou da comitiva que conseguiu fugir aos que quizeram perseguí-lo, e foi refugiar-se em Segóvia, donde mandou pedir a sua chancelaria e reais sêlos. Ameaçava. Se não lhe entregassem os sinetes régios êle sabia como fabricar outros, pois não lhe faltava prata e ferro.

Mal se atreveram à resistêcia. Os notários partiram com aqueles atributos da soberania.

Acompanharam-no os cancelários. Mandou formar o seu grande arraial em Burgos. Ali se queixou da prisão de Toro, da fórma como o tinham tratado; apontou os bastardos D. Henrique. D. Fradique e D. Telo, a D. Fernando de Castro, como sendo os chefes de rebelião, e sentiu-se apoiado.



## A NETÃ DA RAINHA SANTA

Aquela tentativa sacrílega contra a sua pessoa encontrava o repudio dos nobres, que tinham supersticioso respeito pela realeza. Acudiram auxiliares de toda a parte, e D. Pedro só sonhava na devastação de Toro, não deixando vivo um só dos que lhe infligiram a afronta.

Mais do que nunca, se apresentava às claras. Falava de morticínios, de vingança.

Desconfiando de alguns dos seus companheiros, vigiava-os, e, entrando em Medina Sidónia, num domingo de Ramos (1), chamou ao seu paço os reputados de traidores. Já açulara contra eles os homens do séquito; nessa tarde fôram assassinados o adelantado-mór de Castela, Pero Ruiz Villegas, e Sancho Ruiz de Rojas; outros fôram prêsos. A raiva real pareceu dessedentada.

Aterrara-se a rainha com a aproximação do filho. Já não confiava na sua influência sobre êle. Chegara a irritar-se em termos desmedidos, durante a última entrevista, guardando-se, todavia, de se referir aos seus amores.

Ao sabê-lo na visinhança de Toro, D. Maria não hesitou mais em dar a liberdade ao da Henestroza, tio da régia favorita. Deixou-o partir para o arraial do rei, julgando assim apasiguar-lhe a fúria.

Finalmente, Toledo rendeu-se ao monarca, que, ao entrar na cidade, não quizera vêr D. Branca de Bourbon, mandando-lhe o seu camareiro-mór, o que a soberana viúva libertara, a dizer-lhe que a tinha por cativa. Remetia-a para Siguensa, deixando-a com boa guarda.

---

(1) 1354.

## A NETA DA RAINHA SANTA

Ia exercendo as suas violências, mostrando a todos os vassallos como sabia punir. Chamou os magistrados; inquiriu quais os artífices que se tinham juntado à nobreza, contra os seus desígnios na cidade toledana; tomou vinte e dois homens bons e mandou-os enclausurar, ordenando a execução de alguns cavaleiros.

A vingança estendia-se como uma alcatifa de sangue por todo o reino.

D. Maria, encarava, em terrores, D. Martim Telo. Tivera uma acção menor do que a sua, à vista do rei, mas aconselhara-a nos diversos transes; e, sabendo que D. Pedro I a pouparia, não acreditava na salvação do amante, desde que o houvesse às mãos.

E, acima de tudo, a viúva de D. Afonso XI amava.

Poderiam acolher-se a Portugal, disfarçando a sua paixão; mas, quando tentavam o passo de abandonar Castela, chegou-lhes a notícia da tragédia que se desenrolara no reino.

D. Afonso IV, sabendo dos amores do filho com a encantadora D. Inês de Castro, fôra com os seus conselheiros a Coimbra, e, entrando no paço de Santa Clara, deixara-a morta, numa grande poça de sangue, sem haver menos piedade dos filhinhos que se agarravam aos vestidos da mãe, em convulso choro.

D. Pedro andava na caça. Tinham-no deixado afastar-se, propositadamente para cometerem o crime, ao qual chamavam justiça e cujas razões principais D. Maria ouvira no mais convulso terror.

A decisão do soberano partira dos maus exemplos do reino de seu neto. Receava que,

## A NETA DA RAINHA SANTA

de futuro, se dessem, nas terras portuguezas, as desavenças iguais às movidas pelos iligítimos, pelos filhos dos amores adúlteros.

Castela, por causa das concubinas reais, era um campo de constantes pelejas, nas quais sofria tanto o soberano como o povo; a Portugal aconteceria o mesmo, se vivesse aquela mulher que êle mandara imolar em nome de sua realjustiça. Evitava, assim, uma preponderância igual à exercida por D. Leonor de Gusman sôbre o rei que tanto fizera sofrer a sua filha.

De resto, o homem rígido, o bravo guerreiro, não admitia, na sua família, aqueles desregramentos. Dos bastardos sofrera agravos em tempo de D. Dinís; pegara em armas contra o próprio pai, para se defender das ambições deles. Os filhos espúrios dos reis sentiam-se perto dos trônos e êle bem os via, ardidos na luta, batendo-se contra o neto. Daí, o fim da *Colo de Garça* e a sua condenação dos adultérios principescos.

Encaravam-se, os amantes, em vezos de não saberem que resolução tomar. O terreno parecia afundar-se sob os seus passos, ali, como no país onde o soberano era um algoz que mandava degolar mulheres apaixonadas (1).

Se êle suspeitasse que sua filha era mais culposa ainda? E' que, comparada com D. Leonor de Gusman, uma simples fidalga, ou com outra, como D. Maria de Padilla, ela appareceria ré de maior crime, porque, viúva dum rei e mãe doutro, se baixara até ao leito dum nobre sem categoria régia. Fizera-o em adul-

---

(1) *Linda Inês* — Colecção «História» — 1.ª Série.



## A NETA DA RAINHA SANTA

tério e em desprezo de todas as convenções; esquecera o poder e a jerarquia; tornara-se indigna de piedade.

A grande esperança de que o pai não tivesse conhecimento das suas aventuras era o que lhe enchia a alma de algumas suavidades, porque, de contrário, não teria mais sossego.

D. Martim Afonso Telo julgava-se, igualmente, ao abrigo das suspeitas do seu soberano. Guardava em Portugal a sua família; era bem visto na côrte, ninguém o acusava. Para demais, os seus amores com a filha do monarca eram conhecidos apenas de alguns íntimos. Assim julgava, mas nem por isso aconselhava a saída de Castela. Convenceram-se ambos de que era assim, mas estremeciam à recordação da morte de D. Inês de Castro. Sabiam da revolta do príncipe D. Pedro, o qual tomara armas contra o pai.

Melhor seria aguardarem que se aplacasse a raiva do *Cruel*, que, avançando sôbre Toro, com as suas hostes, certamente não quereria molestar a mãe.

Junto desta, D. Henrique e D. Fradique, os filhos da assassinada, D. Leonor de Gusman, pareciam esperar a hora da sorte. Talvez aguardassem um castigo do céu, ou saído de suas próprias armas, a cair sôbre a rainha que ordenara a execução da favorita, sua mãe, sacrificada aos zelos da rival.

Anunciava-se a chegada do monarca, victorioso em diversos lugares; os cavaleiros entre-olhavam-se, entregando-se às decisões dos bastardos.

Chegavam-lhes as notícias de outras determinações do rei. Mandara nomear Mestre de

## A NETA DA RAINHA SANTA

Alcântara a D. Diogo Zavalos; cinqüenta e oito dias depois estava prêso e morto. O séquito real avançava, deixando um rasto de sangueira. Havia quem se dispuzesse a resistir-lhe; mas apareciam os que o recebavam, e, confidenciando, entre si, decidiam-se a defender Toro.

A rainha queria que entregassem a cidade ao filho. Os fidalgos evocavam as bandeiras do rei, empapadas em sangue de vencidos.









## SETIMO QUADRO

# NA TOMADA DE TORO

**O** ASSALTO à torre de Toro foi um dos grandes feitos das mesnadas reais. D. Diogo Garcia de Padilla, mestre de Calatrava, quebrara um braço quando ali surgira de roldão, à frente dos seus ases, a-fim de plantar nas muralhas o pendão de el-rei.

Em vez de se dar um recuo, foi antes mais atrevida a avançada, e os cavaleiros e senhores que tinham a cidade deixaram aberta a passagem da ponte, acabando sitiados. Num cúmulo, as gentes das visinhanças acorriam em auxilio do monarca. Um D. Garcia Triguero apparecera, secretamente, no arraial, a oferecer a entrada pela porta de Santa Catarina. A única condição do trato era sua real mercê perdoar aos parentes do traidor as atitudes anteriormente tomadas. Aceitou. Só pensava na colheita da sua vingança: um campo de papoulas sangrentas.

A rainha D. Maria, D. Martim Afonso Telo e D. Fradique ignoravam o pacto. Por fim, o

## A NETA DA RAINHA SANTA

bastardo de D. Afonso XI encontrou-se de frente com o valido do irmão e soberano, o da Henestroza, e conversaram de muralha para muralha.

D. Fradique aterrou-se ao escutar as vantagens desfrutadas pelo monarca, a certeza da tomadia, e ficou pensativo até que o outro lhe aconselhou a entregar-se à clemência régia, a-fim de evitar um castigo.

— Mas porque me dais tal conselho?

Ouviu, então, a própria voz do monarca, que tudo escutara, a ocultas, e lhe dizia:

— Aceitai-o. Eu vos perdôo e asseguro! Vinde com êsses cavaleiros!

A escolta era minguada. O filho de D. Leonor de Gusman ligou-se à proposta e, atravessando do baluarte, desceu ao rio Douro, em cuja margem estavam os homens de armas do exército real.

Apresentou-se-lhes como um prisioneiro. Não o consentiu D. Pedro; deu-lhe a mão a beijar e levou-o consigo.

Em Toro, ao saber-se da perfídia, gritava-se em fundo terror:

— Estamos perdidos! O Mestre de S. Tiago entregou-se a el-rei, deixou-nos desamparados!

D. Maria empalideceu; julgou ouvir os passos de ferro do filho; daria tudo para lhe conhecer os desígnios. Chamou D. Joana de Vilhena, que hospedava, a pesar-de ser espôsa de D. Henrique, um dos varões da Gusman assassinada; convocou os outros cavaleiros e retirou-se com eles, para o seu paço, como se adivinhasse alguma grande tragédia.

O vencedor avançava, terrível e implacável. A mór parte dos defensores da fortaleza passou-se para o campo contrário; entravam,

em desabalada fuga, no arraial do soberano, num preito; alguns erguiam queixas, abatendo as armas. Ao ouvi-los, imaginá-los-iam prisioneiros de si próprios, almas condenadas a não poderem libertar-se; e, de joelhos, os das hostes, suplicavam, enquanto não levantavam o seu senhor nos escudos.

Ele gosava do triunfo. Dentro daquelas muralhas estava o dulcíssimo favo da sua vingança.

A medida que as tropas avançavam redobrava a defecção, e chegou-se ao ponto dum cavaleiro, de grande confiança dos bastardos, chamado Martim Abuna, aparecer, no topo dum baluarte, tendo nos braços uma criança. Suplicava:

— «Senhor, se me perdoares, eu irei para vós levando-vos vosso irmão, D. João, senhor de Ledesma.»

Era outro filho de D. Leonor de Gusman, posto à mercê do rei. que logo voltou:

— A meu irmão D. João não perdôo, mas sim a ti, Martim Abuna! Que venham!

Quando o jôvem, de catôrze anos, nascido dos amores reais, se viu em poder do sanguinário, rompeu em enorme pranto. Para êle, D. Pedro I era um ogre que lhe beberia o sangue. Tantas vezes ouvira falar de suas maldades que sentia chegado o fim de sua curta vida. Tremeu de pavor. O monarca lançou-lhe um olhar; mandou que o levassem para o meio da hoste.

Dir-se-ia que cheirava a sangue. O vencedor, vestido de ferro, começava o esmagamento.

Enviou um recado à mãe. Deixasse o paço; viesse onde êle, para a vêr. O emissário par-



## A NETA DA RAINHA SANTA

tiu; ao chegar diante da rainha, que se sentia sem defeza, o cavaleiro estremeceu. D. Maria de Portugal não continha mais o pranto e, nêsse tempo, os nobres mal podiam vêr as lágrimas das rainhas. Recusou-se a partir. Mandou, antes, solicitar do filho que lhe concedesse a vida dos honrados senhores do seu séquito e companhia, e, bem assim, os respetos para D. Joana, espôsa de D. Henrique.

D. Martim Afonso Telo, quando o mensageiro régio partiu, chamou a amante a outra sala. Confidenciaram. Deviam ter acordado para o tormento. Ela sugeria-lhe, porém, o último recurso: a partida para Portugal, desde que o filho consentisse em perdoar àqueles últimos rebeldes.

De coração em sobresalto, o sangue no semblante, D. Maria aguardava a volta do enviado e, ao fixar, de quando em quando, o bemquerido, sentia redobrado o seu enorme amôr ao vê-lo tranqüilo, quási estóico.

Naturalmente, o mordomo-mór contava com a sua qualidade de vassalo do avô do vencedor para escapar com vida.

Chegou-se, de novo, o cavaleiro, em nome de D. Pedro de Castela. O recado era singelo. Fôsse, a soberana, para o arraial de el-rei; deixasse em paz todos aqueles cavaleiros, cujos destinos êle saberia decidir.

Rui Gonçalves de Castanheda, que andava no séquito da rainha, mas já tratara com os do campo contrário, deu um passo, decidido, como para animar os receosos, e exclamou:  
— Senhores, vamos onde el-rei e não tenhamos detenças!

Depois de um fidalgo falar dêste modo, nenhum dos outros se atreveria a pretender o

contrário, sem cair sôbre a sua loriga a lama das cobardias.

Constituíam o pequeno séquito régio, D. Joana de Villena, espôsa de D. Henrique; D. Martim Afonso Telo; Afonso Teles Giron e D. Pedro Estevanez, mestre de Calatrava.

A soberana apoiara-se nos braços de Castanheda e do Mestre. Deixara, propositadamente, o auxilio do amante, sentindo, no fundo do seu coração, a desconfiança de que, indo a seu lado, irritaria mais as cóleras do filho imp'acável.

Êle nunca lhe dissera cousa alguma; não lhe dera a entender que reprovava os seus amores; mas nos olhos, raiados de sangue, a rainha lêra sempre a protérvia. Mais de uma vez, perguntava a si própria se era verdade o que pensara ou se a alucinava o remorso.

Ia saber como o filho a recebia; descobrir, enfim, se êle se tornara o juiz do seu amôr culpado.

Já estavam no pátio grande do alcaçar. Bastava-lhes atravessar uma ponte para se encontrarem na presença do monarca; mas, de repente, num relâmpago, viu-se o de Calatrava, braceiro da rainha, cair sob o arranco pesado de uma massa de armas com que o seu escudeiro, João Otea, o abatera. Talvez julgasse ser aquêle o amado da soberana.

Os outros buscaram defender-se; porém, os homens de guerra, convocados para a cilada, assaltaram-nos sem piedade, ante os gritos das duas damas.

O próprio traidor, o Castanheda, que mostrava o alvará do perdão, acabou com a garganta decepada por um fundo golpe.

## A NETA DA RAINHA SANTA

A soberana, quando quis defender o amante, sentiu-se empurrada e, num golfão do sangue dêle, ouviu-lhe o derradeiro gemido. Caíra-lhe aos pés, de olhos desvairados, vítima da chacina.

O vestido de brocado que a vestia molhava-se de sangueira e, por terra, sem sentidos, D. Maria de Portugal não via o resto da hecatombe.

Não escapara um único dos que a tinham acompanhado fielmente. D. Joana de Villena também desmaiara nas poças rubras da manança.

Pareciam ambas abandonadas no meio dos cadáveres. De repente, D. Maria recobrou alento; levantou-se num desespero, compreendeu a vastidão do seu mal e, feroz, implacável, ardente, amaldiçoou o filho.

— Oh! quero morrer e não viver porque o dei à luz! Maldito! Maldito!

Quando ia baixar-se sôbre o corpo de D. Martim Telo, foi agarrada por manoplas possantes e conduzida para o alcaçar.

A mulher do filho de D. Leonor de Gusman, a altiva D. Joana de Villena, ficava em poder do rei, que ordenou o suplicio de mais alguns apaniguados de sua mãe.

Defrontou-a: ouviu-lhe as imprecações. Não lhe atirou ao rôsto a peçonha dos amores de viúva; quis deixá-la convencida que a morte daquêle fidalgo não tivera motivo diverso da dos outros.

No entanto, olhava-a com as pupilas inundadas de sangue, mas indiferente à maldição.

Talvez julgasse que as mães, em mancebia, não têm o direito de amaldiçoar os filhos vingadores.





## OITAVO QUADRO

# A DESCENDÊNCIA DUMA SANTA

**A** RAINHA de Castela não quis vêr mais o filho. D. Pedro, preocupado com o final da guerra, desejoso de dar a última caçada aos inimigos, também não a procurou. Ela dissera:

— Quero ir para a minha terra!

O rei, amaldiçoado, assentia:

— Que se vá!

D. Maria de Portugal partiu, em trajes de dó. Dizia a tôda a gente não poder perdoar ao rei aquêlê desato, a morte dos cavaleiros do séquito, na sua presença. Acima de tudo, sabiam-na lamentosa pelo fim do amante.

Desvairara; mal pensava que o rumor dos seus amores podia chegar até ao pai. Esquecera-o e às suas idéias, aos arrancos, ao assassinio de D. Inês. Queria um refúgio. Pediu o dote; o direito de saída de Castela e encaminhou-se para a fronteira. Destinava-se a Evora, onde queria residir. Mostrava-se aterrorisada, dizendo ser-lhe impossível olvidar a

## A NETA DA RAINHA SANTA

visão dos quatro cadáveres a seus pés, o sangue dos assassinados banhando-lhe os vestidos. Não lhe aparecia o fantasma de D. Leonor de Gusman, morta na casamata do seu castelo, enquanto ela folgava nos braços do amante.

D. Afonso IV revia-se no que chamava a justiça. Acalmara o filho, entrando com êle numa trégua; mas não se culpava nem se arrendia da morte de D. Inês de Castro.

Naturalmente, ia sabendo dos grandes trabalhos que o neto castelhano passava, por causa dos bastardos, e devia dizer consigo que, sem aquela crueldade, depressa o despossariam da corôa.

O terror que espalhava era a sua salvação. Os inimigos sabiam-no ousado a ponto de os ir arrancar aos seus castelos e mandá-los justicar na praça pública. Temiam-no.

Homens como D. Pedro I, o *Cruel*, ou se matam numa montaria sangrenta ou as almas hesitantes bem podem aprestar-se para serem imoladas ao seu prazer. Chegavam, diàriamente, notícias das carnificinas régias. Por todo o reino, só se viam vassallos ajoelhados, uns implorando piedade, outros estendendo os pescoços para os cutelos dos algozes.

O conde D. Henrique, marido de D. Joana de Villena, estava na Galiza quando teve conhecimento da tomada de Toro e da morte dos cavaleiros, e bem assim da entrega do seu irmão mais novo ao feroz coração de el-rei. D. Fradique defenderia a criança. Desde que se juntara ao monarca ou o dominava ou tornar-se-ia sua vítima. Pensou, desde logo, em deixar o reino e ir batalhar em França. Foi, porém, avisado da cilada que o esperava. O monarca, ao conceder-lhe a licença para sair

de Castela, mandara a seu primo, o infante D. João, que fôsse assistir à morte do bastardo.

Preparara-se uma sortida sob a chefia do adelantado Diego Sarmiento. Todos os fidalgos receberam ordem de prender e executar o temido cavaleiro. Estendia-se a sentença ao outro irmão dêle e do rei, a D. Telo, que ficara seu domínio na Biscaia, à sombra do rei de França, cujo país estava em guerra com os ingleses. Os cavaleiros castelhanos integraram-se nas hostes do conde de Armagnac e começaram a batalhar, não esquecendo jámais o seu desejo de desafronta do *Cruel*.

Ele intentava bater o soberano de Aragão, no mesmo momento em que a rainha D. Maria se refugiava em Portugal. O monarca desafiado pedira aos bastardos de D. Afonso XI que o ajudassem na pugna contra o ousado que pretendia devastar-lhe o reino.

La jogar-se a grande partida. Dum lado, o soberano; do outro, os filhos ilegítimos de seu pai, à excepção dos que guardava para refens, fingindo-lhes amisade: D. Fradique, D. João e D. Pedro. No seu paço de Evora, a foragida vivia em constante oração. O espirito andava por longe, pelo céu, pedindo perdões a Deus e dizendo-se bem castigada.

Um dia viu entrar o rei na sala preferida. Fechou-se com ela. Estava hirto, quasi rígido. Devia saber tudo: os seus amores, as suas acções, o luto por morte do amante. Não lhe perdoava; sentiu-o desde o primeiro momento. Até aí ninguém se atrevera a apontar ao soberano as manchas que a filha lançara sobre o seu real brazão. Ele vivera num engano, com suas obras, que chamava de justiça, e lidando nas lutas contra o filho, as quais lhe



## A NETA DA RAINHA SANTA

recordariam as travadas, outrora, contra seu pai. Chegara, porém, a notícia pormenorizada da paixão da rainha pelo gentil-homem que o *Cruel* mandara assassinar a seus pés, e D. Afonso IV não quis mais vêr em contacto com os outros membros da família, essa princesa infamada. D. Inês de Castro morrera em virtude duma alta razão de Estado; pelo menos assim êle coonestava o assassinio da *Colo de Garça*. A filha de rei cabia castigo pior, mas menos de dar nas vistas, por ventura na solidão.

Acusou-a. Ignora-se se ela se defendeu. O próprio rei lhe indicou o que lhe restava fazer. Se D. Pedro de Castela tinha Paulo Romano às suas ordens para ministrar as bebberragens aos inimigos, não faltariam ao rei de Portugal sábios empeçonhadores, capazes de matarem, sem muito sofrimento, aqueles que êle aborrecesse. A rainha viúva de Castela apparecera como bem incômoda aos seus olhos. Era a vergonha das suas cans. Considerava-a colocada mais baixo do que a Gusman, pior do que Inês de Castro.

O castigo dar-se-ia no mistério, embora não fôsse misteriosa a culpa. Com a sua fleugma habitual, o monarca indicou à filha o seu fim. Mostrou-lhe o veneno; deixou-a consigo própria. Dêste modo, e porque ela appareceu morta na sua alcôva, poudo o cronista castelhano (1) revelar à posteridade o drama da que fôra sua soberana:

«Segundo foi fama disseram que o rei D. Afonso de Portugal, pai dela, lhe fizera dar hervas com que morresse por quanto o desgostava a fama que havia dela.»

---

(1) Pedro Lopes de Ayala — *Crónica*.

O amante jazia no fundo dum fôssco, condenado pelo filho da culposa.

Mal sabia el-rei não se extinguir com aquellas mortes a fatalidade que tanto quisera evitar para os seus descendentes.

Em vez de um bastardo, a disputar a corôa de seu neto D. Fernando, foi uma mulher que a toldou de infâmia. Chamou-se D. Leonor Teles. Era a filha legítima de D. Martim Teles, o amante da filha do justicador.

Dêste modo, ao cabo de alguns anos, se cumpriram os fados, que ninguém pôde evitar. O castigo mais cruel foi aquêlê que o *Bravo* não conheceria, no fundo do seu sepulcro.

A morte de D. Maria de Portugal occupava pouco o espirito do *Cruel*, cada vez mais embebido em lutas. Dava como resposta aos inimigos o afogá-los em sangue. Após aquella matança de Toro, seguiu-se o assassinio de seu irmão D. Fradique, Mestre de S. Tiago.

Dir-se-ia que o trouxera consigo como a uma rês de ante-mão sacrificada. No dia em que uma dúvida maior, ou um mais doentio capricho, o tomou, chamou-o a Sevilha, onde o bastardo acorreu obediente. Mal o viu assomar à sala, bradou para um guerreiro:

— Balasteros, matai o Mestre de S. Tiago!

Rebrilhou um punhal. O irmão do rei quis fugir; os outros algozes detiveram-no, abatendo-o sob as massas de armas. Revolvia-se no solo, e o real verdugo, tirando do cinto o seu bulhão, entregou-o ao servidor, para que acabasse aquella agonia. Passou a outra sala e mandou que lhe servissem a merenda. A fera ainda não estava saciada.

Pouco depois, mandou matar seu primo, o infante D. João, que, por sua ordem, e louco

## A NETA DA RAINHA SANTA

de ganância, cometera crimes. Seguiu-se a execução de D. Joana de Lara, sua cunhada.

No mesmo dia em que chegara a nova de D. Maria Padilla ter dado à luz um filho, que se chamaria Afonso, como os dois avós, recebeu, igualmente, a nova da morte do seu camareiro-mór, o de Henestroza, tio da bem-amada. Tinham-no vitimado D. Henrique e D. Telo, os irmãos do rei, ao aprisionarem-no no campo de Araviana.

Louco de fúria, lembrando-se de que tinha encerrados, no castelo de S. Pedro de Carmona, os dois filhos mais novos de D. Leonor de Gusman, comandou o seu suplicio.

Restava, ainda, a rainha D. Branca, por causa de quem se tinham movido as lutas, ou das quais fôra pretexto. Prêsa em Medina Sidónia, esperava, a tôda a hora, a sua sentença. Um dos guardas, de nome Ortiz de Zuniga, recusou-se a cumprí-la; um fundibulário, Perez de Reboleto, assassinou-a.

O bisneto da rainha santa era tão indigno da ancestra como sua mãe o fôra.

Ao cabo de tantos crimes, Pedro, o *Cruel*, foi assassinado à punhalada, por seu irmão D. Henrique, após o cêrco de Montiel, quando, sendo vencedor, pôz na sua cabeça o diadema real, tinto do sangue dos fratricídios.







